

JOHN DEWEY E MONTEIRO LOBATO: AMBIENTE SOCIAL E CONDIÇÕES DE CRESCIMENTO NO ROMANCE *O PRESIDENTE NEGRO*

José Claudio Morelli Matos¹

Camila Oliveira da Silva²

RESUMO

Este trabalho examina a concepção de crescimento na filosofia educacional de John Dewey, a partir da interpretação da obra literária *O Presidente Negro*, de Monteiro Lobato. A noção de crescimento é um dos pilares fundamentais da filosofia desenvolvida por Dewey no seu tratado *Democracia e Educação*. Através das noções de plasticidade e de dependência que são, segundo Dewey, as duas condições do crescimento, é possível analisar a trajetória do personagem Ayrton Lobo no romance, e discutir em que medida esta trajetória representa um processo de crescimento no sentido deweyano do termo. Conclui-se que, por meio da preparação para tomar parte no processo social da comunicação, a experiência de Ayrton Lobo cresce, desenvolve objetivos e hábitos a partir da influência de um ambiente social modificado. Esta reflexão, por dialogar com uma obra literária, põe em destaque aspectos da teoria deweyana da educação, tais como o próprio conceito de crescimento. O resultado é um esclarecimento da função e das relações que este conceito mantém com outros aspectos de sua filosofia, relevantes para o debate acerca da prática educativa.

Palavras-chave: Dewey. Monteiro Lobato. Crescimento. Comunicação.

ABSTRACT

This work examines the conception of growth in John Dewey's philosophy of education, on the basis of the interpretation of the fictional work *The Black President*, written by Monteiro Lobato. The notion of growth is one of the fundamental pillars of the philosophy proposed by Dewey in his treatise *Democracy and Education*. Through the concepts of plasticity and dependence that are, according to Dewey, the two conditions of growth, it is possible to analyze the trajectory of the character Ayrton Lobo in the romance, and to discuss at which point it represents a process of growth in the deweyan sense of the term. The conclusion is that, by means of the preparation to take part in the social process of communication, Ayrton Lobo's experience grows up, and develops aims and habits through the influence of a modified social environment. This reflection, by dialoging with a literary work, evidences some aspects of Dewey's theory of education, such as the concept of growth itself. The result is an enlightenment over the function and relations between this concept and other aspects of his philosophy that are relevant to the debate concerning educative practices.

Palavras-chave: Dewey. Monteiro Lobato. Growth. Communication.

¹ Professor de Filosofia da Educação do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: doutortodd@gmail.com.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina, bolsista de iniciação científica do projeto "Dewey e Dennett: as concepções de comunicação e de mente no contexto da filosofia da educação".

1 INTRODUÇÃO

Este é um trabalho sobre a filosofia de John Dewey. Seu objetivo é examinar e compreender conceitos presentes em sua obra *Democracia e Educação* (publicada em 1916). O procedimento empregado para isso é o de refletir acerca de suas concepções com base em uma obra literária, a saber, *O Presidente Negro* (publicado em 1927), de Monteiro Lobato. A escolha desta obra se justifica por diversas razões e entre elas, naturalmente, está o fato de ambos os autores compartilharem o momento histórico de início do século XX e, por isso, supostamente refletirem e escreverem a partir de um conjunto semelhante de circunstâncias e interesses.

O texto literário está sendo considerado aqui como um campo de exame e de reflexão, a partir do qual as teorias e noções da filosofia podem ser postos à mostra, e sua compreensão ensaiada sob um novo ponto de vista. O próprio Dewey se refere a isso em uma passagem interessantíssima de seu livro *Como Pensamos* (1933). Afirma ele que:

Muitas ideias são de grande valor como elementos da poesia, da ficção ou do drama, mas não como matéria do conhecimento. Todavia, desde que se conservam na mente para serem utilizadas à luz de novos fatos, as ideias poderão constituir um instrumento intelectual para um espírito penetrante, mesmo que não se relacionem imediatamente com a realidade (DEWEY, 1979, p. 111).

É exatamente como “instrumento intelectual” que o romance de Monteiro Lobato está sendo considerado. Instrumento é todo objeto ao qual está sendo atribuída determinada interpretação, conforme o interesse e as atividades do intérprete. É aquele objeto de que é feita uma utilização segundo objetivos bem definidos; neste caso ilustrar concepções presentes na teoria educacional de Dewey. Assim, a função do romance de Monteiro Lobato para a presente discussão é representar um contexto, um horizonte, uma estrutura a partir da qual analisar a filosofia de John Dewey e o valor de seus argumentos.

Veja-se - como atesta a citação da passagem acima - que o próprio método de leitura e análise empregado neste trabalho recorre ao pensamento de Dewey sobre o assunto. Ao invés de fundamentar este procedimento de leitura combinada do texto filosófico e literário em alguma outra fonte, recorre-se aos pensamentos do próprio filósofo supondo que, dada a coerência interna de sua filosofia, a declaração acima citada autoriza que ideias literárias sejam empregadas como instrumentos ou utensílios, para investigar e discutir criticamente seu próprio discurso.

Estão sendo postos em andamento dois processos de reflexão, um exercitando a leitura reflexiva com base na situação proposta pela obra literária, outro investigando o próprio conceito de crescimento segundo John Dewey. Espera-se, como resultado, atingir uma mais profunda compreensão da teoria educacional de John Dewey e, além disso, avaliar a possibilidade de obter tal resultado por meio do uso do discurso literário como ferramenta para promover um pensamento que, mesmo disciplinado e metodologicamente ordenado, ainda assim se permite certa liberdade, atendendo ao chamado emocional que a apreciação da literatura e suas possibilidades ficcionais faz ao leitor.

2 RECEPÇÕES DO *PRESIDENTE NEGRO* NA POSTERIDADE

Monteiro Lobato escreve *O Presidente Negro* em 1927, alguns anos depois da publicação do tratado *Democracia e Educação* (1916), uma das obras mais conhecidas de John Dewey. Esta obra ficcional, único romance de teor adulto publicado por Monteiro Lobato, foi recentemente redescoberta pelos leitores em virtude da proximidade de sua temática com acontecimentos e processos que têm tido lugar na história recente. Notadamente, o livro é lembrado no contexto da eleição de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos, e é associado ao tema sempre polêmico da discriminação racial e das ideias eugenistas vinculadas ao conhecimento biológico, cujas consequências se estendem à espécie humana.

A forma como o romance reflete - de maneira alegórica – inquietações e polêmicas da época atual suscitou comentários e julgamentos ao livro, ao conjunto da obra do autor, e a suas opiniões e posturas. A questão racial é comumente a mais mencionada nos comentários sobre o livro, principalmente aqueles provenientes da crítica não especializada. É preciso, para os objetivos do presente estudo, mencionar logo de saída esta situação, a fim de clarificar o seguinte ponto: Este não é um estudo específico sobre Monteiro Lobato, muito menos um estudo da questão racial, em qualquer das acepções mais comumente associadas ao termo.

Em seu artigo “Monteiro Lobato e *O presidente Negro* dentro da sala de aula”, Sá & Ravanelli concebem a ideia central do romance de Lobato nos seguintes termos:

A Eugenia – ciência que estuda condições mais propícias para reprodução e melhoria da raça humana – com seus parâmetros duvidosos de perfeição racial e uma carga de preconceitos explícita é o assunto central da obra que se passa no futuro, no ano de 2228, através de um roteiro romântico e simplório” (Sá & Ravanelli, 2009, p. 1).

Esta passagem é uma amostra da reação bastante disseminada entre os leitores, a respeito da presença de ideias eugenistas no *Presidente Negro*. Não é objeto deste trabalho participar

desta polêmica e nem responder às acusações - mais ou menos justificadas - de que Monteiro Lobato seja adepto de alguma versão do eugenismo. Embora este seja um tema relevante e fértil, não é o tema da presente discussão.

Para esclarecer o ponto de vista aqui mantido, é preciso enfatizar a linha interpretativa segundo a qual o romance está sendo estudado. Segundo esta linha, a história dos personagens principais segue um curso mais ou menos ininterrupto que se passa inteiramente no início do século XX. Aqueles acontecimentos referentes ao ano de 2228, e que envolvem o conflito de raças na América do Norte e a eleição de um presidente negro, mencionados na obra, são o que se poderia chamar de uma “história dentro da história”. O futuro é narrado a Ayrton Lobo pela sua interlocutora Miss Jane. Ela faz seu relato a fim de que Ayrton Lobo escreva suas impressões acerca do futuro na forma de um romance, e possa levar este romance ao conhecimento do público. O principal fio condutor, o principal fundamento da coerência e unidade interna do romance de Monteiro Lobato é a trajetória de Ayrton Lobo, saindo de uma vida monótona e circunscrita a objetivos limitados, e chegando finalmente à ampliação de suas ideias, de seus hábitos e objetivos. A vida de Ayrton Lobo e o crescimento de sua experiência individual e social são postos em primeiro plano nesta leitura. Toda a questão eugênica, racial, política, são elementos que – ainda que polêmicos e controversos – constituem um tema periférico no esquema interpretativo aqui adotado.

Em favor da plausibilidade desta forma de fazer uso do romance, pode-se mencionar o que afirmam Giroldo & Santos, no artigo “Transfigurações utópicas em *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato”. Os autores comentam que “em *O Presidente Negro* Lobato mostra o contato de Ayrton Lobo, um descontente brasileiro perdido nas massas, com o cientista Benson e sua filha Miss Jane” (Giroldo & Santos, 2009, p. 2). Nesta linha de interpretação, *O Presidente Negro* não é tanto a história da eugenia aplicada a uma sociedade ficcional futura, como é a história do crescimento individual e social de um homem comum, por meio de um processo educativo fantástico e fictício, mas também cuidadosamente organizado.

3 A NOÇÃO DE CRESCIMENTO PARA JOHN DEWEY

A ideia principal a ser discutida segundo este procedimento é a ideia de crescimento (*growth*). Dewey, logo nos primeiros capítulos de *Democracia e Educação*, faz uma comparação entre os seres vivos e os inanimados. Diz ele que qualquer forma de vida segue uma sequência contínua, um processo de renovação. A cultura, as crenças e os valores são transmitidos através da comunicação, e os indivíduos são ligados através dela, de acordo com

seus interesses e coisas em comum. Segundo ele, “a sociedade subsiste, tanto quanto a vida biológica, por um processo de transmissão (DEWEY, 1959, p. 3). O autor dá grande atenção ao aspecto ambiental da vida e, adotando a postura naturalista que caracteriza sua obra, considera que o ambiente social é contínuo com o ambiente físico, e a atividade do indivíduo está conectada ao meio a tal ponto que “o meio significa aquilo que influi nesta atividade como condição para que se realize ou iniba” (DEWEY, 1959, p. 12). O que estas noções implicam é uma tentativa de Dewey de considerar a natureza e a experiência humana como contínuas e não como opostas.

É no horizonte naturalista evolutivo que a noção de crescimento, objeto principal do capítulo 4 de *Democracia e Educação* será desenvolvida e que sua importância para a visão geral da vida e da sociedade, segundo Dewey, pode ser adequadamente apreciada. No pequeno prefácio da obra, conforme se observa, o autor reconhece seu compromisso com o “desenvolvimento do método experimental nas ciências, das ideias de evolução nas ciências biológicas e com a reorganização industrial” (DEWEY, 1959, p. ii). Assumindo que o autor leva adiante este compromisso, deve-se considerar o naturalismo evolutivo como uma dos princípios que baseiam e unificam as diversas explicações empreendidas por sua filosofia em *Democracia e Educação*. Quanto a isso, intérpretes como David Hansen afirmam que “A ideia de evolução permanece decisiva para a democracia, de acordo com Dewey, por que ela revela que a humanidade não possui uma natureza preordenada ou pré-determinada (HANSEN, 2007, p. 7). Se isso for verdade, a possibilidade de desenvolvimento por meio da educação é um dos principais caminhos pelos quais se pode esperar fornecer as condições individuais e sociais para a vida democrática.

A noção de crescimento é um dos pilares da filosofia desenvolvida por Dewey em *Democracia e Educação*. Segundo sua definição, o crescimento deve ser entendido como a “marcha cumulativa da ação para um resultado ulterior” (DEWEY, 1959, p. 44). A ênfase principal desta passagem citada concentra-se no aspecto acumulativo do crescimento. Crescer, no sentido aqui defendido, é um processo em que as etapas anteriores são condições para as etapas posteriores. Além disso, Dewey afirma que o crescimento é uma “marcha da ação”: o crescimento envolve a parte ativa do organismo, sua capacidade de atuar sobre o meio que o envolve. Finalmente, quando se refere a um resultado posterior, isso não deve ser entendido no sentido de que o crescimento possui um termo, um fim. Hansen, consultado mais uma vez, observa sobre Dewey: “Ele argumenta que o crescimento não é ‘relativo’ a nada a não ser mais crescimento, e conclui que a educação deste modo não implica em nenhum fim maior do que a capacidade de posterior educação” (p. 7). Ou seja, não há um fim externo ao processo

de crescimento. Na verdade, Dewey está propondo justamente o contrário, seu pensamento se encaminha na direção de que o crescimento é contínuo, e que as ações que visam controlar e dirigir o crescimento deveriam ter em vista a própria capacidade dos indivíduos para maior crescimento.

Finalmente, poder-se-ia perguntar: o crescimento assim concebido por Dewey é crescimento do que? Algumas respostas possíveis seriam: O crescimento é crescimento da inteligência, o crescimento é crescimento da individualidade, o crescimento é crescimento da adaptação, ou dos hábitos. Este conceito de crescimento é associado às condições para o exercício da vida democrática e da liberdade consciente. Comentadores recentes como Jim Garrison, por exemplo, reforçam esta leitura, consagrada pela tradição:

Para Dewey a inteligência, especialmente a inteligência reflexiva e criativa, que tanto critica condições atuais quanto imagina e constrói condições alternativas, é a chave para a liberdade. Nós libertamos e controlamos a nós mesmos compreendendo e controlando o mundo que condiciona nossa conduta (GARRISON, 2008, p. 2).

Mas, conforme exposto pelo filósofo em seus próprios termos crescimento é, acima de tudo, crescimento da própria capacidade de crescer. Esta resposta representa o espírito e as palavras de Dewey, e ainda possui a vantagem de incorporar todas as respostas alternativas acima sugeridas. É a própria capacidade de aprendizagem que deve ser objetivo da aprendizagem.

Dewey afirma que, devidamente dirigida, a pessoa cresce para o próprio crescimento. “Mais importante ainda é que o ser humano adquire o hábito de aprender. Aprende a aprender” (DEWEY, 1959, p. 48). Aqui aparece uma das passagens mais citadas de *Democracia e Educação*. Citada muitas vezes fora de contexto, aqui ela aparece no contexto evolutivo, biológico, social, segundo o qual Dewey o concebe, como o grande mote da sua teoria educacional. Linhas abaixo ele acrescenta que “a nada se subordina a educação, a não ser a mais educação” (DEWEY, 1959, p. 55). Este estabelecimento de valores se aplica também ao crescimento, na mesma medida. O crescimento não é relativo a nada a não ser a mais crescimento. Ele é um fim em si mesmo e deve, então, ser buscado e dirigido, com vistas a mais crescimento. Por isso, um processo acumulativo que possa ser considerado crescimento em termos deweyanos, é aquele que se apoia em uma condição inicial de imaturidade, e que aponta, como resultado, para maior e mais amplo crescimento ulterior.

4 PROCESSOS DE CRESCIMENTO NO ROMANCE *O PRESIDENTE NEGRO*

Na narrativa de Monteiro Lobato, a trajetória do personagem Ayrton Lobo é marcada por uma mudança de ambiente, e por uma mudança de objetivos. De um ambiente e um conjunto de objetivos limitados e avessos ao crescimento, Ayrton passa a um ambiente e um conjunto de objetivos mais amplos, e estimulantes de seu crescimento. Esta mudança pode ser examinada sob a ótica da filosofia de Dewey, a fim de solucionar a questão: As mudanças ocorridas na vida de Ayrton Lobo podem ser consideradas crescimento, no sentido deweyano do termo? A resposta de um leitor atento ao enredo de *O Presidente Negro* tenderia a ser: sim. O termo “crescimento”, em qualquer sentido relevante, não exigiria um exame filosófico adicional para levar tal leitor a afirmar que a vida de Ayrton Lobo cresceu.

Mas, em termos da filosofia de Dewey, como este processo pode ser considerado? Como tal filosofia resolve a questão factual e conceitual do possível crescimento de Ayrton Lobo em *O Presidente Negro*? Para que as façanhas de Ayrton Lobo no romance constituam de fato uma experiência educativa, não pode ter ocorrido apenas crescimento, mas, além disso, um crescimento da própria capacidade de dirigir e de garantir crescimento posterior. Ayrton Lobo deve ter aprendido a própria capacidade de aprender.

Ayrton Lobo é caracterizado por Monteiro Lobato como um homem com objetivos estreitos, diante do horizonte de possibilidades existentes em seu meio social. Tinha de si mesmo uma imagem profundamente marcada por suas relações de trabalho na empresa Sá, Pato & Cia. Ao falar de seus chefes, ele assim se expressa:

Para eles eu era o empregado – e também vinte dias antes eu me considerava apenas um empregado, isto é, humilde peça da máquina de ganhar dinheiro que os senhores Sá, Pato & Cia. houveram por bem montar dentro de uma certa aglomeração humana (LOBATO, 2009, p. 33).

Além da caracterização de sua própria participação ínfima no ambiente em que se encontrava, no topo de sua hierarquia de objetivos ficava a ascensão social que julgava poder obter com a compra de um automóvel da marca Ford. Ayrton Lobo declara dividir a sociedade em duas castas antagônicas, a dos pedestres e a dos rodantes. Queria possuir um automóvel para elevar-se de posição, e materializava sua ideia de realização pessoal por meio do Ford. Segundo ele:

Eu sonhava... com um automóvel. Meu Deus! As noites que passei pensando nisso, vendo-me no volante, de olhar firme para a frente, fazendo, a berros de Klaxon, disparar do meu caminho os pobres e assustadiços pedestres! Como tal sonho me enchia a imaginação! (LOBATO, 2009, p. 26).

Este era seu meio ambiente inicial no romance: uma vida caracterizada por relações hierárquicas com seus patrões e pelo objetivo fixo e determinado de obter um automóvel Ford. Este ambiente não permite a plena comunicação entre os indivíduos. As divisões de posição e de função impedem o livre intercâmbio e fixam rotinas e hábitos que limitam o crescimento individual e social. Nas palavras de Dewey, “os indivíduos utilizam-se uns dos outros para obter os resultados desejados, sem atender às disposições emocionais e intelectuais e ao consentimento daqueles de quem se servem (DEWEY, 1959, p. 5). O que há de interessante é que, exatamente na medida em que seu meio ambiente se amplia, e que novas experiências exigem dele uma reconstrução de hábitos e de crenças, Ayrton Lobo desenvolve novos objetivos, e conseqüentemente novos conjuntos de hábitos e crenças.

No artigo “Eugenias modernistas: *O presidente Negro* de Monteiro Lobato e *A República 3000* de Menotti Del Picchia”, Gilson Queluz afirma que:

Em *O Presidente Negro*, o protagonista, Ayrton Lobo, vivencia uma rotina absolutamente monótona em seu trabalho no escritório da Sá e Pato. A possibilidade de rompimento com a mediocridade do cotidiano dá-se pela alteração de seu *status* social, advinda da aquisição de um automóvel (QUELUZ, 2006, p. 244).

Contrariando as expectativas inicialmente nutridas pelo próprio personagem, uma radical mudança no seu ambiente social levou-o a reconsiderar seus hábitos, objetivos e interesses, e finalmente a experimentar a possibilidade de crescimento de sua vida individual e social.

Esta mudança de ambiente decorre, no enredo do romance, de um acidente de automóvel que, além de destruir completamente o seu tão desejado Ford, o leva a conviver com o professor Benson e sua filha, Lady Jane. A mudança individual relacionada com a mudança de ambiente é indicada por Monteiro Lobato, por exemplo, ao intitular o segundo capítulo da obra de “Minha Aurora”, o que remete alegoricamente à chegada de um novo dia, de um despertar vivido pelo personagem, que supostamente narra sua história em primeira pessoa no livro. Além de apresentar um crescimento de seus interesses e de seus hábitos de pensamento e comunicação, Ayrton Lobo passa a fazer do crescimento um valor e um fim para a vida (a sua vida individual e a vida social da qual ele participa).

5 AS CONDIÇÕES DE CRESCIMENTO NA TRAJETÓRIA DE AYRTON LOBO

O primeiro pressuposto identificado nos indivíduos, e que torna possível o processo de crescimento é a *imaturidade*. Este termo não deve ser entendido em sentido de mera carência

ou falta de algo. No sentido que Dewey confere, “imaturidade” deve ser entendida como significando “uma força positivamente atual – a capacidade e aptidão para desenvolver-se” (Dewey, 1959, p, 44). Por isso ele emprega este termo para referir-se à condição do crescimento. A imaturidade implica a situação de todo indivíduo que, observado em sua situação ambiental, manifesta uma condição para maior crescimento ou desenvolvimento. É preciso supor que Ayrton Lobo, tal como se apresenta ao leitor do *Presidente Negro*, era imaturo. Claramente, isso não deve significar algo pejorativo, como no uso cotidiano que se faz do termo. Ayrton Lobo é considerado imaturo, pois seus hábitos, seus interesses, sua desenvoltura nas relações sociais podem ser percebidas como passíveis de crescimento posterior.

Quem primeiro manifesta esta compreensão, no próprio romance, é o Professor Benson, quando acolhe Ayrton Lobo em seu castelo e comenta: “- O senhor Ayrton, pelo que vejo e adivinho, é um inocente – começou ele – Chamo inocente ao homem comum, de educação mediana e pouco penetrado nos segredos da natureza” (LOBATO, 2009, p. 37)”. O Professor Benson enxerga Ayrton como um imaturo, um indivíduo que ainda demanda muito crescimento, até que possa compreender a complexidade das teorias científicas que envolvem seu trabalho no castelo.

Mas a imaturidade precisa ser melhor explicada; seus mecanismos comportamentais, em *Democracia e Educação*, são descritos em detalhe por Dewey. Mais especificamente, a imaturidade é descrita pelo autor a partir de dois componentes: plasticidade e dependência. A partir da descrição destas duas características comportamentais dos indivíduos imaturos, Dewey irá constituir sua teoria do crescimento, que se estrutura sobre a suposição de que elas são tendências e potencialidades ativas, e não carências, ausências, ou passividades.

A plasticidade é a capacidade do organismo de adquirir novos hábitos e se moldar às condições encontradas em seu meio ambiente. “Isto significa – poder modificar seus atos tendo em vista os resultados de fatos anteriores, o poder de *desenvolver atitudes mentais*. Sem isso seria impossível contraírem-se hábitos” (DEWEY, 1959, p. 47). Assim sendo, o comportamento do ser imaturo é plástico, pois seus hábitos – suas linhas de conduta – não estão determinados, de modo que o efeito de mudanças ambientais é uma maior possibilidade de causar, como resposta, uma mudança correspondente dos hábitos. A plasticidade comportamental de Ayrton Lobo aparece ao leitor do *Presidente Negro* em trechos como o que segue: “- Está fazendo progressos, Jane – disse o professor. – O amigo Ayrton compreendeu muito bem a parte teórica da minha exposição” (LOBATO, 2009, p. 61). Aprendizagem, como aqui é o caso, sempre envolve uma modificação na disposição

intelectual e comportamental do indivíduo. E tal modificação só é possível por causa da plasticidade.

A dependência, por sua vez, se expressa em termos da necessidade de relações sociais para que o indivíduo manifeste seus interesses e capacidades. Ou ainda, a necessidade de interação com outros indivíduos de modo que o ser imaturo possa adaptar-se ao ambiente. Ayrton Lobo diria: “- Foi com Miss Jane que aprendi a pensar” (LOBATO, 2009, p. 89). E aqui apresenta a relação de dependência que tanto favoreceu seu crescimento no romance. Em vista de adotar condutas que estabeleçam uma relação de comunicação com os outros, “a dependência denota, portanto, mais uma potencialidade do que uma fraqueza; ela subentende interdependência” (DEWEY, 1959, p. 47). A dependência é a condição do crescimento em seu aspecto social, de comunicação e compartilhamento de objetivos, significados e formas de agir. A plasticidade é a condição de crescimento em seu aspecto individual, de aprendizagem, inferência e comportamento organizado.

Embora ao falar-se de imaturo, o interlocutor seja forçosamente levado a pensar na infância, ainda assim seria preciso fazer sobre isso uma pequena ressalva. A infância é a etapa biológica onde a condição de crescimento se manifesta com maior intensidade. Seria ingenuidade supor que um pensador com a erudição filosófica de Dewey, tivesse deixado passar despercebida a leitura do velho Rousseau, quando este diz: “Queixamo-nos da condição infantil e não vemos que a raça humana teria perecido se o homem não tivesse começado por ser criança” (ROUSSEAU, 2004, p. 9). Entretanto, se a interpretação que se faz do discurso de Dewey é viável, seria preciso concluir que tais condições são necessárias, mas não suficientes, para o crescimento pleno das capacidades individuais e sociais do indivíduo. Além das potências da plasticidade e da dependência, é imprescindível que as condições ambientais ofereçam adequado estímulo ao alargamento e aprofundamento da experiência, de modo a desenvolver hábitos para um comportamento bem sucedido. Vemos ilustração deste arranjo ambiental favorável ao crescimento nos termos em que Ayrton Lobo se refere a como se sentia no castelo:

O professor Benson falava de suas invenções com tanta simplicidade e me tratava tão familiarmente que jamais me senti tolhido sem sua presença como me sentia, por exemplo, na do senhor Pato, o sócio comendador lá da firma (LOBATO, 2009, p. 55).

A necessidade do meio adequado tem como razão que o imaturo pode crescer em uma direção que, em certo ponto, impeça e prejudique o crescimento posterior. A própria influência educativa, se mal conduzida, pode ser tal que limite, ao invés de ampliar, a capacidade de crescimento.

Além disso, não é apenas na infância que há condições de crescimento. O crescimento, para Dewey, não possui um fim fora dele mesmo, conforme já foi discutido. Então, as condições de crescimento devem poder se apresentar em diferentes graus, ao longo da experiência de um indivíduo. E mais que isso, um indivíduo pode vir a manifestar diferentes graus de imaturidade, conforme o aspecto de seu comportamento que está sendo considerado, e o grau de plasticidade e de dependência que ele manifesta em cada caso. Isto equivale, em termos mais dramáticos, a poder-se afirmar que quando termina a possibilidade de crescimento, termina a experiência, e a vida. Foi deste modo que se passou com o Professor Benson. Anedoticamente, ele destrói sua invenção – o porviroscópio – a fabulosa máquina que permitia ver o futuro, e morre logo depois. “Vim destruir minha descoberta. Queimei toda a evidência relativa e desmontei as peças mestras dos aparelhos. O que resta nenhuma significação possui e não poderá ser restaurado” (LOBATO, 2009, p. 78). Estar vivo, em *O Presidente Negro* como na realidade, significa agir e se relacionar com o ambiente. Significa poder incorporar novas adaptações e crescer, pelo menos em alguma medida. Se não fosse assim, teríamos que supor uma vida onde, a partir de certo ponto, nenhum novo hábito, nenhum novo significado, nenhuma adaptação seria possível, o que contraria o valor e a importância formadora da experiência, tanto para o indivíduo como para o grupo social.

Todo o processo de crescimento, tornado viável pela plasticidade e pela dependência iniciais, vai formando no indivíduo um conjunto de hábitos. “Um hábito significa a capacidade de utilizar as condições naturais como meios para a realização de objetivos” (DEWEY, 1959, p. 49). Veja-se aqui o peso que Dewey dá ao conceito de hábito, tal como o faz em outras obras, como *Natureza Humana e Conduta* (1922) e *Como Pensamos* (1933). O ambiente em que os indivíduos se encontram não é fixo, é mutável. Por isso crescer envolve mudar ou formar hábitos, assim como envolve exercer atividade sobre o ambiente. A adaptação não é mera adequação do organismo ao ambiente, mas é um processo de mútua adequação e mútuo crescimento, dos organismos vivos e de seus ambientes.

Em seu livro, *Epistemologia da Aprendizagem* (2000), Luiz Henrique Dutra discute a noção de aprendizagem desenvolvida por Dewey, sob a forma de investigação. A palavra “investigação” denomina o esforço do indivíduo para adquirir novos hábitos por meio de um maior domínio intelectual sobre os objetos componentes do ambiente em que se situa. Segundo Dutra, “podemos ver a investigação em geral como um processo de criação de objetos e de interferência nos objetos já existentes. Este é o ponto de vista que cremos ser o de Dewey” (DUTRA, 2000, p. 111). O crescimento intelectual que resulta na formação de novos

hábitos é descrito por Dewey, segundo Dutra, com o termo “investigação”. E esta, por sua vez, envolve modificar e reordenar os objetos componentes do ambiente, seja físico ou social.

Por isso, viver em novos ambientes implica em adquirir novos conjuntos de hábitos. E a educação é, conforme Dewey explica ao longo de todo o seu tratado, o instrumento social de controle e modificação dos hábitos, em função da mais completa adaptação dos imaturos aos ambientes em que deverão ingressar, tendo como contrapartida que o próprio ambiente é modificado pela ação dos indivíduos, em um processo de contínua reorganização (MATOS, 2010).

6 CRESCIMENTO E EDUCAÇÃO

Na perseguição de uma resposta à questão formulada neste trabalho, obtém-se como resultado uma compreensão mais profunda e significativa da noção de crescimento segundo John Dewey, e ainda, algumas indicações sobre a relação entre a ideia de crescimento e a sua concepção geral de educação. A educação, compreendida por Dewey em sentido amplo, intensifica e ocasiona as condições do crescimento da vida social e individual. O autor afirma que

a vida é desenvolvimento e que o desenvolver-se, o crescer é a vida. Traduzido em termos educacionais equivalentes, isto significa: 1. Que o processo educativo não tem outro fim além de si mesmo: ele é seu próprio fim; e que, 2. o processo educativo é um contínuo reorganizar, reconstruir, transformar (DEWEY, 1959, p. 53).

Aqui é possível perceber como a educação é vista pelo filósofo como um órgão cuja função é o controle social das condições do crescimento, com vistas a garantir sua continuidade. Portanto, “educar é uma questão de necessidade” (DEWEY, 1959, p. 3). E mais importante, este processo não é um instrumento para qualquer outro interesse ou finalidade. Educação e crescimento, como correlatos, e compreendidos no sentido mais amplo, são o fim último da vida social, a tal ponto que “a medida do valor de qualquer instituição social [...] está em sua capacidade de ampliar e aperfeiçoar a experiência” (DEWEY, 1959, p. 7). Compreender o que significa, e qual o valor atribuído ao crescimento, é uma forma de aprofundar a reflexão filosófica sobre o significado e o valor da própria educação, no panorama oferecido pela filosofia de Dewey.

Diante destes elementos, é possível entrever as premissas em que é necessário apoiar a conclusão a respeito do crescimento ocorrido na trajetória de Ayrton Lobo no romance de Monteiro Lobato. Antes de afirmar que houve crescimento, é preciso que estejam disponíveis

as condições de possibilidade de tal afirmação, segundo os pressupostos deweyanos: Houve um alargamento no campo da experiência possível, houve uma reconstrução nos próprios hábitos de pensamento da personagem, ou o que houve foi mera readequação de sua conduta, mero adestramento em novas rotinas de ação? É na base deste pressuposto que se pode interpretar a vida de Ayrton Lobo como uma vida educativa. Como se espera ter mostrado na discussão acima, Ayrton Lobo cresceu de uma condição inicial de imaturidade, para uma condição posterior de pensamento reflexivo e de coordenação de seus hábitos e objetivos, num ambiente social apropriado.

7 COMUNICAÇÃO E CRESCIMENTO

O segundo capítulo de *Democracia e Educação*, a princípio, tenta explicar o que seria a educação não somente com um olhar na etimologia da palavra. Destaca em sua abordagem a importância do meio no processo de crescimento, sendo este não somente um determinado espaço físico, mas algo que possui valor significativo nas ações e crenças de um indivíduo. Dewey enfatiza a ação do meio ambiente na constituição da vida do indivíduo, de tal modo que este último não pode ser adequadamente concebido sem referência aos aspectos ambientais segundo os quais vem a organizar e viver suas experiências.

Exatamente porque vida não significa mera existência passiva (a suportar-se possível tal coisa) e sim um modo de proceder e agir, - o ambiente ou meio significa aquilo que influi nessa atividade como condição para que se realize ou se iniba (DEWEY, 1959, p. 12).

Isso é fundamental para entender o que ocorre com Ayrton Lobo, porque ele desperta para novas experiências logo que muda de ambiente. De um ambiente cujas condições inibem o crescimento de sua experiência, Ayrton Lobo passou a um ambiente cujas condições fazem o oposto: estimulam e exigem dele em resposta, o crescimento de seus hábitos e objetivos. Tanto que, mesmo quando volta a viver no Rio de Janeiro, Lady Jane e as investigações sobre o futuro da sociedade americana continuam a constituir o seu “ambiente social”. Assim, juntamente com a ideia de que o meio pode influenciar na renovação da conduta dos indivíduos, Dewey destaca as relações sociais como um processo de adaptação. Isto significa que as pessoas se dispõem a agir levando em conta o quanto sua conduta influi nas expectativas dos outros agentes que com ela compartilham o mesmo ambiente social. No caso específico de Ayrton Lobo, a relação com Lady Jane é ilustrativa disso.

O título do capítulo IX, “Entre Sá, Pato & Cia. E Miss Jane” mostra a alternância entre dois ambientes bem diferentes. Um deseducativo e o outro educativo. Ayrton está muito mais

interessado na companhia de Miss Jane por diversos motivos, o principal é a perspectiva de crescimento que a vida junto dela representa. Ayrton é impelido pelo sentimento em relação a Miss Jane, e com esse impulso, cresce e se educa. Só o interesse como apelo intelectual, por aprender e se instruir, não teria força para moldar sua conduta no sentido destinado a tamanha transformação. Aqui alude-se à motivação emocional que há no processo de crescimento de Ayrton Lobo. Ele reorganiza todos os seus objetivos a fim de integrar-se com os objetivos e interesses de Miss Jane, em virtude dos sentimentos que nutre por ela.

Na comparação feita entre adestramento e educação, Dewey nos diz que as ações humanas são inicialmente realizadas tendo em vista o prazer, e acontecem através de impulsos até se tornarem hábitos. Com isso, Dewey destaca a importância da criação de uma instituição social que possua o papel de ordenar os hábitos existentes decorrentes dos diversos meios sociais. Se Dr. Benson é o primeiro grande educador de Ayrton Lobo, ele pode ser suspeito de tê-lo submetido a um processo inicial de adestramento.

Ora, em muitos casos – muitíssimos – a atividade do ser humano imaturo é simplesmente provocada para a aquisição de hábitos úteis. É mais adestrado como um animal do que educado como um ser humano. Seus instintos ficam presos aos objetos que lhe originaram a dor ou o prazer (DEWEY, 1959, p. 14).

Lembremos que a transição, na prática pedagógica tal como descrita por Dewey, do adestramento para a genuína educação é muito gradual e sutil. Outra suspeita resulta deste ponto: Se a relação entre Ayrton Lobo e o Dr. Benson é hierárquica – o pupilo ignorante curvando-se à autoridade do seu mestre – não há como supor entre eles a existência de verdadeira comunicação. O professor Benson afirma sobre seu confidente Ayrton Lobo o seguinte:

Empregado no comércio: quer dizer que não teve estudos.
 - Estudos ligeiros, ginasiais apenas – expliquei com modéstia.
 - Isto e nada é o mesmo. Eu preferia ter para confidente um sábio, ou melhor, uma organização de sábio, inteligência de escol, das que *compreendem*. Em regra, o homem é um bípede incompreensivo. Alimenta-se de ideias feitas e desnorreia diante do novo (LOBATO, 2009, p. 37).

Para Dewey, uma relação social é aquela cujas pessoas envolvidas compartilham experiências através da comunicação e a interação. Desse modo, chegando a um consenso de interesses, o qual os indivíduos se relacionam de forma recíproca visando sempre um maior crescimento, um crescimento inacabado.

Aqui entra em cena a figura de Lady Jane, ela sim a sua grande educadora. Lady Jane não apenas adentra Ayrton Lobo para que ele finalmente escreva o livro sobre o choque das raças na América. Ela participa do seu crescimento, da educação de sua própria capacidade de

crescer. E a evidência disso é que Ayrton Lobo assume para si uma nova disposição de pensamento e de valores. Compartilhando estes pensamentos e valores com Lady Jane, Ayrton Lobo estabelece o laço comunicativo constituinte da genuína educação e do genuíno crescimento.

Ayrton Lobo, quando era inicialmente um homem alienado e manipulado pelas ideias de seus patrões na empresa Sá, Pato e Companhia, vivia de modo que suas atitudes e seus hábitos eram totalmente contrários a uma vida educativa nos moldes de Dewey. Seus objetivos eram fúteis e não tinha originalidade ao se manifestar sobre algo. Suas ideias não surgiam de suas reflexões e sim, como cópias. O meio onde Ayrton Lobo vivia não oferecia condições de crescimento: tal oportunidade surgiu na mansão do Professor Benson, e foi lá o início de toda mudança de sua vida. Por passar a viver em um ambiente democrático, Ayrton Lobo aprendeu a pensar por si próprio e a olhar as diversas coisas da vida de maneira diferente, criar planos e refletir sobre o modo que vivia antes de conviver com o professor e sua filha Miss Jane. Podemos perceber tal modificação quando o próprio personagem reconhece e reflete sobre isso:

Vi bem clara a diferença que existe entre ter idéias próprias, frutos fáceis e lógicos de uma árvore nascida de boa semente e desenvolvida sem peias ou imposições externas – e ser “árvore de natal”, museu de idéias alheias pegadas daqui e dali, sem ligação orgânica com os galhos, de onde não pendem pedúnculos naturais e sim de ganchinhos de arame. E comecei a aprender a também ser árvore como as que crescem no campo, e a deixar-me engalhar, enfolhar e frutificar livremente por mim próprio (LOBATO, 2009, p. 89).

O personagem declara que aprendeu, no ambiente educativo que encontrou, a pensar e se conduzir por si mesmo, a ter ideias próprias. Em relação a todas essas mudanças, podemos afirmar que o meio serviu como agente principal, lembrando que meio não são somente coisas físicas, mas também subjetivas, as experiências ocorridas em um determinado espaço social. Por isso, ao conviver com o Professor Benson e sua filha, Ayrton Lobo muda suas concepções sobre as coisas e, decorrente disso, também seus objetivos. A mera busca da conquista material não é mais o fim de suas ações e ideias e deu-se início a valorização da simplicidade, da capacidade dos pensamentos críticos e de reflexão sobre os acontecimentos de seu cotidiano e realidade. Recorde-se como foi descrita no romance a situação inicial deste percurso de crescimento:

- O senhor Ayrton - interveio o professor - vai ficar aqui conosco. Tem muito que aprender. Vou revelar-lhe os segredos da natureza, e tu Jane, lhe revelarás a poesia. Estes homens da cidade têm a visão muito restrita; o mundo para eles se resume na rua, nas casas marginais e no torvelinho humano.

- Realmente, professor. A impressão que tive hoje durante o meu passeio pelo campo abriu-me a alma. Verifiquei que o mundo não é só a cidade, e que o centro do universo não é a firma Sá, Pato & Cia., como toda vida supus (LOBATO, 2009, p. 42).

Ayrton Lobo demandava educação, possuía as condições necessárias ao crescimento de sua experiência, mas este crescimento precisa partir de algum ponto. Por isso a distinção entre a educação e o adestramento não é rígida, e o crescimento possivelmente se inicia com uma modificação da conduta manifesta, para somente depois incidir sobre a disposição emocional e mental do indivíduo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato, o personagem Ayrton Lobo pode inicialmente ser considerado imaturo. Guardadas as proporções, diversos aspectos de sua conduta poderiam ser comparados aos de uma criança que, no começo da vida, precisa ser guiada até conseguir seguir suas escolhas sozinha. Quando falamos em dependência e plasticidade como condições básicas de crescimento, podemos exemplificar com a história deste personagem, e as diversas mudanças que apontam o seu crescimento no decorrer dos eventos do romance.

Ao conviver com o professor Benson e Miss Jane, Ayrton foi se adaptando e interagindo com aquele ambiente, de modo que, mesmo quando fora do castelo, os seus atos e pensamentos eram sempre relacionados com o que ocorria. Seus objetivos estavam sendo reformulados com referência àquele ambiente, mais especificamente à sua relação intelectual e emocional com Miss Jane. Esta, juntamente com seu pai, forneceu condições para o crescimento de Ayrton Lobo, dando liberdade e mostrando a ele um modo mais reflexivo de ver as coisas. Ele mesmo reconhece seu crescimento em afirmações como esta: “Era de maravilhar a transformação que se operava em mim! Vinte dias antes eu não passava de modesto empregado de rua de uma casa comercial” (LOBATO, 2009, p. 76). A plasticidade e a dependência se fazem observar nitidamente, por exemplo, no momento em que surgiram reflexões sobre sua vida antes de sofrer o acidente, e a partir disso a formulação de objetivos com maior significado socialmente compartilhado. Assim, passou a analisar os problemas anteriores, e desenvolveu a capacidade de pensar no presente já imaginando o que deseja no futuro.

A oportunidade de viver em um ambiente democrático, além de favorecer o crescimento do personagem principal, fez com que o meio em que se encontrava também

evoluisse. Com as novas experiências compartilhadas com o Professor Benson e sua filha naquele meio democrático, este que permitiu a abertura de novas ideias para Ayrton Lobo, houve contribuições para uma reconstrução de hábitos e conseqüentemente uma reconstrução na sua conduta. Para Dewey, tais mudanças englobam as questões ligadas ao modo de agir e pensar de um indivíduo para alcançar um determinado fim. Provocar as mudanças ambientais que levam o indivíduo a crescer, por sua vez, é o que Dewey quer dizer com educação.

REFERÊNCIAS

DEWEY, John. (1916). **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1959.

_____. (1933). **Como Pensamos**. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1979.

DUTRA, Luiz Henrique. **Epistemologia da aprendizagem**. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

GARRISON, Jim. Reconstructing Democracy and Recontextualizing Deweyan Pragmatism. **Reconstructing Democracy, Recontextualizing Dewey**. New York: State University of New York Press. 2008.

GIROLDO, Ramiro & SANTOS, Rosana. Transfigurações utópicas em *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato. **Fronteiraz**. Vol. 4, no. 4, dez 2009.

HANSEN, David. Reading Democracy and Education. **John Dewey and Our Educational Prospect: A Critic Engagement with John Dewey's Democracy and Education**. Albany: State of New York University Press. 2007.

LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro**. São Paulo: Globo. 2009.

MATOS, José Claudio. "Educação como Adaptação". **Paideia: Filosofia e Educação**. Volume 3, n. 2, out 2010/mar 2011 (pp. 481-501).

QUELUZ, Gilson. Eugénias modernistas: *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato e A República 3000 de Menotti Del Picchia. **Tecnologia e Sociedade**. N. 2, 1º. Semestre de 2006. Curitiba: UTFPR. Páginas 241-258.

ROUSSEAU. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

SÁ, Aline & RAVANELLI, Antônio. Monteiro Lobato e O presidente Negro dentro da sala de aula. **Anais do XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica**. Universidade do Vale do Paraíba. 2009.